

Amor à verdade e amor ao outro (pequena reflexão sobre a religião em Gianni Vattimo e Simone Weil)

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Em recente entrevista ao jornal argentino El Clarín¹ o renomado filósofo italiano Gianni Vattimo faz algumas declarações a nosso ver importantes sobre a primeira encíclica do Papa Bento XVI: *Deus é amor (Deus caritas est)*.

Pareceu-me muito lindo que a Encíclica não dissesse: *Deus veritas est*, senão *Deus caritas est*. Isto é fundamental, embora Ratzinger se traia depois um pouco e a seguir ninguém pode ler na Encíclica uma preferência efetiva pela caridade. Eu seria um pouco mais radical. Com a verdade não sabemos o que fazer. Como faria a verdade, como descrição objetiva de um estado de coisas, para salvar-nos? A verdade nos fará livres? Saber tudo – a física quântica, toda a química, todos os manuais de matemática – tudo isso nos fará livres? São exemplos banais. Mas o que é a verdade? Exatamente o que nos libera da dependência da objetividade. E, tão somente quando somos livres da dependência da objetividade, podemos realmente amar o próximo. Somente no niilismo de Nietzsche se pode amar o próximo. Eu não posso amar o próximo porque creio ou conheço metafisicamente que ele deve ser amado. Amo-o, porque, por sua vez, sou amado e posso amá-lo livremente, se não tenho as rêmoras da verdade. Há aquele velho dito que se atribui a Aristóteles, mas que, pelo que parece, não é dele: *Amicus Plato sed magis amica veritas* (Amigo de Platão, porém mais amigo da verdade). Penso ser preciso dar volta às coisas, não se pode amar mais a verdade do que o próximo. “Amigo da verdade, porém mais amigo dos amigos”.

Nesta declaração de Gianni Vattimo podemos encontrar expressos alguns pontos importantes de sua filosofia que pretende construir um “pensamento fraco”, livre da tirania da razão potente e da objetividade evidenciada. É aí que encontramos igualmente a possibilidade de conexão que nos permite fazer um breve e modesto confronto entre seu pensamento sobre a religião e o da filósofa francesa do século XX Simone Weil.

Nos limites deste artigo, o leitor encontrará em muito maior destaque o pensamento de Simone Weil do que o do filósofo italiano Gianni Vattimo. Isto se explica pelo fato de conhecermos mais profundamente o pensamento daquela do que deste. Em todo caso, esperamos modesta, mas sinceramente que nossa reflexão possa trazer alguma contribuição no conjunto deste “dossiê Vattimo”.

A paixão pela verdade

É impossível ter alguma chance de acesso ao pensamento de Simone Weil sem ao mesmo tempo contemplar sua vida. Nela, experiência, prática e reflexão nunca se dissociam, mas ao contrário, vão construir a poderosa síntese que será seu legado no campo do pensamento humano.

Foi, sem dúvida, uma pensadora e uma intelectual. Se o verdadeiro intelectual se define como alguém que busca apaixonadamente a verdade, Simone Weil se enquadra nesta categoria de maneira toda especial. Desde muito jovem essa obsessão, essa verdadeira paixão pela verdade a habitava de maneira profunda e radical, norteadando sua vida de forma constante e consistente. Os primeiros sinais dessa vocação vão se dar diante do talento incomum de seu irmão André, dois anos mais velho.

André revelou-se desde cedo como alguém excepcionalmente dotado do ponto de vista intelectual. Simone tinha por ele uma grande admiração e uma terna amizade.² Ao mesmo tempo, sentia-se inferiorizada por não se sentir tão inteligente e capaz quanto André. Este sentimento, no entanto, nada tinha de ciúme ou inveja, mas apenas de tristeza por não poder aceder ao conhecimento da Verdade que ela acreditava ser atingível apenas pela via do conhecimento e da reflexão teórica. Aos 13 anos passou por uma profunda crise, por ela qualificada como “um desespero sem fundo”. Segundo sua biógrafa e amiga Simone Pétrement, SW teria pensado seriamente em morrer, ao crer que era mal dotada intelectualmente.³

Como ela mesma explicará mais tarde ao Pe. Joseph Marie Perrin, seu confidente espiritual e amigo querido: “Eu não lamentava os sucessos exteriores, mas o fato de não poder esperar nenhum acesso a este reino transcendente onde os homens autenticamente grandes são os únicos a entrar e onde habita a verdade. Preferiria morrer a viver sem ela”.⁴

No entanto, já nesta ocasião, Simone recebe o que interpretamos como a primeira revelação transcendental de sua vida, ao encontrar no fundo de seu próprio

desespero, uma convicção consistente que lhe permitiu superá-lo. Teve repentinamente a certeza de que aquele que se empenha com todas as forças para obter o que deseja em termos espirituais o consegue.⁵ É ela mesma que vai narrar essa descoberta, muitos anos depois, ao Pe. Perrin:

Depois de meses de trevas interiores, eu tive repentinamente e para sempre a certeza de que qualquer ser humano, mesmo se suas faculdades naturais são quase nulas, penetra neste reino da verdade reservado ao gênio, se apenas ele deseja a verdade e faz perpetuamente um esforço de atenção para alcançá-la.⁶

Simone dirá ao grande amigo sacerdote que foi fundamental em seu itinerário que essa certeza desde aquele momento a habitou para sempre. Ela explica que sob o nome de verdade englobava igualmente a beleza, a virtude e toda espécie de bem, de sorte que se tratava para ela de uma concepção da relação entre a graça e o desejo. SW identifica essa certeza que lhe fora revelada em termos evangélicos: “A certeza que eu recebera, era que quando se deseja pão, não se recebe pedras.”⁷ E acrescenta: “Mas nesta época eu não havia lido o Evangelho”.

É de notar que aí já aparece no universo do seu pensamento a categoria de “atenção” que vai ser de tamanha importância para o entendimento de seu pensar assim como de sua trajetória espiritual. É fato digno de nota igualmente que desde tenra idade SW identifica no desejo um poder e uma eficácia no domínio do bem do espírito sob todas as suas formas – e para ela a atividade intelectual não está fora disso – como não atribui a nada mais.

É fato igualmente que essa sede do conhecimento da verdade nunca se dissociou em sua vida da atenção amorosa e compassiva do outro, muito especialmente daquele ou daquela que sofre qualquer tipo de opressão e diminuição. E isto permite perceber a interface entre sua experiência religiosa e a reflexão que sobre ela fará com a declaração de Gianni Vattimo citada no início deste artigo.

A escravidão moderna como eclipse da religião e epifania da compaixão

A dolorosa experiência de trabalhar durante um ano em uma fábrica fez com que Simone vivesse intensamente as lutas, esperanças e dores de seu tempo. Ali, experienciou desde dentro as lutas operárias na França do início do século. Ali, em suas cortantes palavras, recebe na carne a marca da escravidão, como o ferro em brasa com que os romanos marcavam a testa de seus escravos⁸ e que “(...) é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião”⁹.

A dolorosa experiência do trabalho fabril em condições de aguda exploração é alimento para reflexões que marcam toda a sua trajetória como pensadora. Uma

pensadora ferida pela verdade de que “(...) nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não estiver presente nela, assim como a fome e a sede nascidas da fadiga”¹⁰. Assim, Simone nos deixa um insuperável diagnóstico das causas da escravidão moderna: “(...) as coisas representam o papel dos homens, os homens representam o papel das coisas: eis a raiz do mal”¹¹.

Uma coisa é bem clara para SW. Não foi por si mesma ou para satisfazer um capricho que foi para a fábrica. Foi para refletir e ajudar a resolver problemas que interessassem a todos os outros oprimidos, essas vítimas diárias da violência da injustiça. Por isso, aquilo que por ela mesma não poderia suportar, era preciso suportá-lo por causa dos outros, para o bem dos outros. E ela mesma se surpreende consigo mesma por sua reação, que não foi geralmente a revolta, a cólera, mas a submissão, a docilidade.¹² É esta dolorosíssima experiência que vai permitir que reconheça e nomeie outra grande e forte experiência que terá e que a conduzirá mais perto do cristianismo.

Em 1935, Simone Weil passou suas férias com seus pais na Espanha e Portugal. A “marca da escravidão” e o sentimento de solidariedade a levam às portas da fé cristã, quando, em uma viagem de repouso em Viana do Castelo, um vilarejo português de pescadores, é profundamente tocada por uma manifestação religiosa católica:

(...) num estado físico miserável entrei nessa pequena aldeia portuguesa – que era, ai! tão miserável também – sozinha à noite, sob a lua cheia, no dia da festa do padroeiro. As mulheres dos pescadores faziam a volta aos barcos em procissão, levando círios e cantando cânticos certamente muito antigos e de uma tristeza dilacerante... Ali tive de repente a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu entre os outros.¹³

O itinerário da experiência religiosa de SW vai prosseguir. Tempos depois, em Assis, na Itália, teve significativa experiência religiosa: “(...) estando só na capelinha românica do século XII de Santa Maria dos Anjos, incomparável maravilha de pureza onde São Francisco rezou muitas vezes, alguma coisa mais forte do que eu me obrigou, pela primeira vez na vida, a me pôr de joelhos”.¹⁴

Durante a Páscoa de 1938 e com a intenção de assistir a um concerto de canto gregoriano, viajou a Solesmes com sua família. Nesta ocasião, a experiência mística de Simone foi mais profunda que em Assis. Acometida de fortes dores de cabeça, mal que lhe retornava periodicamente em crises agudas, a audição se lhe constituiu em verdadeiro ato penitencial. Ali conhece estudantes que apresentam obras de poetas ingleses do século XVII. Passa a recitar, em oração, em diversos momentos, o poema “Love” de George Hebert¹⁵. Numa dessas ocasiões, em novembro de 1938 vive uma experiência mística profunda:

(...) senti, sem estar de maneira alguma preparada, porque nunca tinha lido os místicos, uma presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano... No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma; senti somente através do sofrimento a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado.¹⁶

A partir daí, SW vai desenvolver, em paralelo com sua experiência religiosa e mística, um denso e profundo pensamento sobre a religião, ao mesmo tempo que prenhe de originalidade. Sentindo vibrar uma palavra ética no silêncio de Deus, não encontra esse mesmo Deus de sua fé na solidão e na contemplação de verdades teóricas, mas vai encontrar os seres humanos ali onde eles constroem ou desfiguram sua humanidade: no coração da história.¹⁷

A verdade na atenção ao mistério e ao outro

Na verdade ela – tão atraída pelas categorias gregas – se afasta um tanto delas ao procurar pensar e dizer o Deus de sua fé. Não se detém nos atributos deste Deus que a fé cristã, resultante de uma simbiose entre o judaísmo e a cultura grega, descreve como todo poderoso, onipotente, onisciente, onipresente. Para SW não se pode falar de Deus a não ser como amor. “A verdade mais essencial concernente a Deus é que Deus é bom antes de ser poderoso.”¹⁸ E ainda: “Não é pelo poder, é pela sabedoria que Deus é senhor do mundo”.¹⁹

O verdadeiro Deus, portanto, para Simone, é amoroso e desarmado. É a este que ela experimentou com uma presença tão real como o sorriso que se vê em um rosto amado.²⁰ A dor de SW com relação à Igreja é que esta fez pacto com o império da força e levou a crer que Deus era poderoso antes de ser bom e que não dava livre curso à sua bondade senão em favor daqueles que haviam aceitado submeter-se à sua autoridade.²¹ Com isso, para SW, a Igreja caiu na perigosa tentação da idolatria, pois quando o poder se antecipa ao amor, há o risco muito real de se estar adorando um ídolo e não o Deus verdadeiro. “Antes de tudo Deus é amor”, dirá ela. Portanto, conclui muito logicamente “não há senão uma verdade que valha a pena ser objeto de um testemunho. É que Deus é amor.”²²

O que é, porém, o amor para essa mulher sedenta de absoluto e que não sabia viver nada sem radicalidade? O amor de Deus para ela, ou seja, a experiência de Deus como amor é inseparável do amor do outro, sobretudo do mais necessitado, do pobre, do infeliz. E certamente é um amor não violento. Um amor que toma sobre si a dor antes de infligi-la ao outro. Durante a evolução de seu processo intelectual e interior, a filósofa que depois se converterá ao Cristo sempre conceberá o amor como uma partilha até às últimas conseqüências de todas as dificuldades e dores do outro bem-amado.

Por outro lado, SW cultiva sua experiência religiosa na medida em que cultiva o esforço virtuoso da atenção. SW se baseia na certeza de que todas as vezes que um ser humano cumpre um esforço de atenção apenas com o desejo de tornar-se mais apto a captar a verdade, ele adquire esta aptidão maior, mesmo se seu esforço não produz nenhum fruto visível. A atenção para ela, portanto, se exercita no campo do desejo e da gratuidade. Se há verdadeiramente desejo, se o objeto do desejo é verdadeiramente a luz, o desejo de luz produzirá a luz. E – ela conclui, há verdadeiramente desejo quando há esforço de atenção.²³ E o objetivo a ser perseguido não é, pois, o sucesso e o reconhecimento, mas o pensamento de que todos esses exercícios servem para formar esta atenção que é a substância da oração.²⁴

O centro da atenção na vida intelectual reside, segundo SW, no desejo. Somente o desejo permite fazer da pesquisa e do estudo uma preparação para a vida espiritual. Pois o desejo, orientado para Deus, é a única força capaz de fazer elevar-se à alma. “Ou antes, é apenas Deus que vem apoderar-se da alma e a eleva, mas apenas o desejo obriga Deus a descer.”²⁵

O coração compassivo de SW acompanha de perto sua mente brilhante, no entanto, ao dizer: “Os infelizes não têm necessidade de outra coisa neste mundo senão de homens capazes de prestar atenção a eles. A capacidade de prestar atenção a um infeliz é uma coisa muito rara, muito difícil; é quase um milagre; é um milagre.”²⁶ O olhar voltado para o outro é, antes de mais nada, um olhar atento, onde a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si mesma o ser que ela olha tal como ele é, em toda a sua verdade. Só é capaz disso quem é capaz de atenção, dirá SW.²⁷ E assim dizendo, faz a síntese perfeita que se encontra no coração do cristianismo, que funda todo saber: “saber que não se sabe, que o saber vem de Outro e que passa necessariamente pelo rosto do outro, que com sua pobreza e indigência, constitui uma epifania”.²⁸

Para SW, a verdade não é, portanto, algo que se aprende intelectualmente, mas algo que se espera e se recebe pela revelação de Deus que vem ao encontro da atenção tensionada pelo desejo. E se pratica pelo voltar a própria atenção para aquele que é mais pobre e carente.

É assim que para SW, uma vez que faz sua entrada no Cristianismo pela mão do próprio Cristo, a experiência do conhecimento inclui necessariamente a compaixão concreta por ela sentida como peso esmagador e dilacerante da própria carne que a vai fazer afirmar em um de seus mais belos livros que “conhecer verdadeiramente o infeliz implica conhecer verdadeiramente a desgraça”. E esse conhecer não se traduz em mera e mórbida curiosidade ou desejo de viver novas experiências, mas na compaixão e na solidariedade vividas cristicamente, até perder-se no outro, no infeliz e necessitado, perder sua identidade até “transferir-se” por inteiro para o outro.

É este o significado profundo que toma para ela a palavra atenção que, mais que uma atitude, é verdadeiramente uma virtude. O amor ao próximo, cristã-

mente entendido, encontra na atenção sua substância mais profunda. E é mais e diferente do que o calor humano, o impulso do coração, a piedade. Por isso é algo extremamente difícil, “a capacidade de prestar atenção a um infeliz...; é quase um milagre; é um milagre.” A fina percepção de Simone vai constatar, a partir de sua própria experiência e sua aguda observação, que esta compaixão feita de atenção “é uma impossibilidade. Quando ela se produz verdadeiramente, é um milagre mais surpreendente que caminhar sobre as águas, curar os doentes e mesmo ressuscitar um morto”.²⁹

O que é impossível aos homens, porém, foi e é possível a Deus. Foi possível em Jesus Cristo, cujos misericordiosos gestos Simone descreve no texto acima citado. É ainda possível hoje para todos aqueles e aquelas que vivem de Seu Espírito. É a eles que se refere Simone ao descrever o que seriam a compaixão e a solidariedade cristãs que impulsionam em direção ao outro, pobre, carente e infeliz. Trata-se, para ela, de algo tão instintivo, inevitável e imediato quanto satisfazer e atender suas próprias necessidades e carências mais fundamentais. “Aqueles a quem Cristo agradecer ofereçam seu alimento da mesma forma que o comem.”³⁰

Não se trata, porém, para esses que vivem a compaixão do próprio Cristo de dar coisas e bens materiais, ainda que sejam de tão vital necessidade como os alimentos. “Doam algo muito diferente que alimentos, roupas e cuidados. Ao trasladar seu próprio ser para Aquele a quem socorrem, dão-lhe por um instante a própria existência da qual a desgraça o privou.”³¹ A carga crística da doação é, então, bi-lateral, uma vez que aquele que dá ao infeliz pode ver nele o próprio Cristo. “A desgraça é essencialmente a destruição da personalidade, entrada no anonimato. Assim como Cristo perdeu sua divindade por amor, o desditoso perdeu sua humanidade por essa mesma má sorte.”³²

Mas também e não menos, ao realizar o ato da doação, está sendo configurado ao próprio Cristo.

Trasladar o próprio ser a um desditoso, assumir a desgraça dele por um momento é carregar voluntariamente algo cuja própria essência é o fato deste algo ter sido imposto por obrigação ou contra a vontade. Trata-se de uma impossibilidade. Somente Cristo o fez; unicamente Cristo – e os homens cujas almas estão completamente ocupadas por ele – puderam fazê-lo. Estes, ao trasladar seu ser ao desditoso que socorrem não põem realmente nele seu ser, pois já não têm nenhum, a não ser o próprio Cristo.³³

Neste sentido, o pensamento de Simone Weil e Gianni Vattimo se tocam e se assemelham, ao considerar que o amor concreto, solidário e justo é a única verdade digna deste nome. Vattimo mesmo dirá que o cristianismo nos define, histórica e culturalmente, em ampla medida, por sua tradição literária – as Escrituras – ou,

melhor, pela “mensagem” que as Escrituras contêm. A única verdade das Escrituras “que não pode ser objeto de desmitificação, que não é enunciado experimental, lógico nem metafísico, senão apelação prática é a verdade da *caritas*: o amor”. Nesta verdade, ademais, o cristianismo antecipa o final da metafísica, já que “o amor, como sentido último da revelação, carece de verdadeira *ultimidade*”. A “educação cristã” ensinou à filosofia, por outra parte, a “não crer no fundamento, na causa primeira, na violência implícita em toda *ultimidade*, em todo primeiro princípio que cale qualquer nova pergunta”³⁴.

Na verdade, todo o pensamento de SW, inclusive a precedência que sempre concede ao bem sobre o ser³⁵ caminha nesta linha e anuncia, já nos anos 30 e 40 do século XX, a nova maneira de viver a religião que Vattimo tematiza no fim do século passado e no começo do que vivemos agora.

A religião sem instituição

Há um outro ponto no qual o pensamento de Simone Weil e o de Gianni Vattimo se entrelaçam. Trata-se da compreensão da religião com relação à instituição, no caso da instituição eclesiástica.

O primeiro texto do livro *Attente de Dieu* chama-se “Hésitations devant le baptême”. Foi escrito depois que SW já havia tido alguns encontros com o Pe. Perrin e narrado a este suas experiências místicas. O sacerdote, impressionado pela qualidade da experiência espiritual daquela jovem mulher, lhe propõe o Batismo e com ele a entrada na Igreja.

SW hesita e mesmo recusa. O Pe. Perrin insiste. Nesta carta estão resumidos os argumentos da jovem pensadora sobre suas resistências a receber o sacramento de iniciação católico, embora seu coração e sua experiência fossem perfeitamente afinados e sintonizados com o catolicismo.

A tônica da carta é que SW afirma que não vê que deva pedir o Batismo por achar que esta não é a vontade de Deus para sua pessoa. Ela distingue três áreas no pensamento. Primeiro o que não depende em absoluto de nós (fatos já acontecidos e por acontecer fora de nosso alcance). Tudo aí, segundo ela, seria fruto da vontade de Deus e, portanto deveria ser amado de todo coração. O segundo seria o que se encontra sob o domínio da vontade. Compreende as coisas puramente naturais, próximas, entre as quais se pode escolher, dispor e combinar em vistas de fins determinados e finitos. Aí se deveria executar sem delongas tudo que aparece manifestamente como um dever. Em terceiro lugar viriam as coisas que não estão situadas sob o império da vontade nem são relativas aos deveres naturais.

Nesta dimensão, SW afirma que nós sofremos um constrangimento por parte de Deus, um mover da vontade de Deus sobre nossa vontade proporcional à nossa atenção e nosso amor.³⁶ SW diz que é necessário abandonar-se a essa moção, segui-la

até onde ela leva e não dar um passo a mais do que ela diz de fazer. Continuar, no entanto, a pensar em Deus com atenção e amor, esperando o novo movimento que empurrará para frente e mostrará claramente aonde Deus quer conduzir-nos.

É a partir daí que ela vai encontrar a explicação diante de si mesma e do Pe. Perrin para explicar por que não pede ou aceita o Batismo. Após declarar sua fé profunda nos sacramentos e seu profundo amor por eles, SW diz que apenas aqueles que atingiram um certo grau de espiritualidade podem participar plenamente dos sacramentos. E ela não crê haver chegado a este nível. Acha-se indigna de tal graça. Rebate igualmente os argumentos do Pe. Perrin que a alerta para a possibilidade de haver aí um excesso de escrúpulos. Diz não se tratar disso, mas ao contrário, de uma consciência clara de faltas bem definidas na ordem da ação e das relações com os seres humanos e uma sensação igualmente nítida de sua insuficiência.

SW segue sua argumentação declarando que a espécie de inibição que a retém fora da igreja é devida seja ao estado de imperfeição onde se encontra, seja a que sua vocação e a vontade de Deus se opõem uma à outra. Dizendo isso, ela não se encontra fechada a que Deus lhe mostre outra coisa e afirma que se for este o caso, ela sentirá que “Deus lhe imporá sua vontade no momento preciso onde eu merecerei que Ele me imponha”³⁷.

Para SW, – e isto, a nosso ver é uma prova de autenticidade de sua experiência mística – a obediência a Deus é mais importante que a obediência aos homens ou a uma instituição. Embora tomando em conta os argumentos de seu amigo Perrin de que o Batismo é a via comum e normal de salvação nos países cristãos e que não há nenhuma razão para que para ela isto seja diferente, não quer dar esse passo a não ser que sinta que Deus lhe pede claramente isso. “Se fosse concebível que é possível danar-se obedecendo a Deus e salvar-se desobedecendo-lhe, eu escolheria assim mesmo a obediência”, dirá ela com o ardor que lhe é próprio.³⁸

Embora confesse ter experimentado grande alegria ao ouvir o Pe. Perrin dizer-lhe que seus pensamentos não são incompatíveis com a pertença à Igreja, ela continua a perguntar-se se nos tempos em que vive, onde uma tão considerável parte da humanidade está submersa no materialismo, “Deus não deseja que haja homens e mulheres que se dêem a Ele e ao Cristo e que, no entanto permaneçam fora da Igreja”³⁹.

O coração inteiramente compassivo de SW sente, ao representar-se sua entrada na Igreja, uma dor imensa ao pensar em separar-se da massa imensa e infeliz dos não crentes. Diz sentir como sendo sua vocação o passar entre os homens os mais diferentes confundindo-se com eles, tomando sua mesma cor, em toda a medida e na medida em que a consciência a isto não se oponha. Seu desejo é desaparecer no meio dessas massas anônimas a fim de que eles e elas possam revelar-se a ela tais quais são.

SW entende perfeitamente que certas pessoas se sintam chamadas a escolher lugar à parte, seja pela pertença à Igreja, seja pela entrada na vida religiosa, no meio

da humanidade. Mas ela, ao contrário, sente em si mesma “os germes de todos os crimes” e “esses lhe fazem horror, mas não a surpreendem, pois ela sente em si mesma a possibilidade de praticá-los”⁴⁰. Não podemos sentir aí o reflexo das palavras assustadoras de Paulo: “Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado pela nossa salvação”⁴¹

Finalmente, SW, ao mesmo tempo em que conclui sua carta, explica ao seu amigo aquilo em que constitui sua fé. Declara amar Deus, o Cristo e a fé católica; os santos, os católicos fiéis e coerentes (poucos) que encontrou em sua vida; a liturgia, os cantos, a arquitetura, os ritos e as cerimônias católicas. Mas com a mesma verdade que sempre a caracteriza e a mesma dor por saber que provavelmente ofende seu amigo falando assim, declara não amar a Igreja a não ser por sua relação com tudo isso que ama. Bem consciente que um amor se sente e não se pode dar-se a si mesmo, diz só poder desejar este amor se ele faz parte de sua vocação e progresso espiritual. E que a partir daí não vai mais pensar sobre este assunto do Batismo e de sua entrada na Igreja. De qualquer maneira, está segura que se Deus quiser dar-lhe um dia a graça do desejo do Batismo, Ele o fará. Termina a carta por estas belas palavras: “Não me cabe pensar em mim. Meu dever é pensar em Deus. Cabe a Deus pensar em mim”⁴².

No entanto, alguns dias depois, escreve outra carta, que ela mesma qualifica como um *post scriptum* à anterior. Nela aprofunda mais seus argumentos. Diz que o que lhe faz medo é a Igreja enquanto coisa social. Como se acha e se crê muito influenciável pelos grupos aos quais porventura pertence, tem medo de deixar-se envolver pelo “patriotismo eclesial” que detecta em certos meios católicos. Teme sobremaneira este patriotismo que faz parecer que a Igreja é uma pátria terrestre e teme adquiri-lo por contágio.

Expõe que por causa desse sentimento grandes santos apoiaram as Cruzadas, a Inquisição. Sem querer acusá-los ou colocá-los sob suspeita de má fé, pensa como não estaria ela à mercê deste perigo, uma vez que está tão abaixo de todos estes santos. O social, diz ela, “é o domínio do diabo”. A carne leva a dizer *eu* e o diabo leva a dizer *nós*.⁴³ SW não deseja fazer parte deste nós, porque sente um terrível perigo em que, em meio a esta coletividade chamada Igreja, o puro e o impuro se confundam e ela não consiga mais distingui-los. Embora sinta como deliciosa a pertença e o acolhimento em uma comunidade eclesial católica, ela sente que isso não lhe é permitido. Seu destino é permanecer sozinha, estrangeira e em exílio em relação a qualquer meio humano sem exceção.

Embora consciente do risco de se acreditar excepcional e diferente de todos, adverte que essa excepcionalidade poderia vir não de uma superioridade, mas ao contrário de uma inferioridade. No momento, não se crê capaz de maneira alguma de um verdadeiro contato com os sacramentos, mas somente do pressentimento que tal contato é possível.

Resistindo, portanto à tentação de submeter-se inteiramente ao Pe. Perrin pedindo-lhe decidir por ela, declara que escolhe abster-se, pois assim fazendo acredita estar obedecendo a Deus. E “somente a obediência é invulnerável ao tempo”⁴⁴. E é essa obediência que SW deseja mais do que tudo e é em nome dela que permanece no umbral da Igreja, sem dar o passo que a fará entrar. “Pois não desejo outra coisa senão a obediência em si mesma, em sua totalidade, quer dizer, até à cruz.”⁴⁵

No entanto, e não menos, a fidelidade às terríveis exigências e responsabilidades de sua vocação intelectual lhe fizeram tomar posições e decisões dolorosas e difíceis. Como, por exemplo, a de não se batizar e não entrar formalmente na Igreja. Ela escreve isso numa carta à amiga Simone Pétrement, pedindo-lhe que a entregue ao Pe. Perrin.⁴⁶ Sabendo que fará sofrer seu grande amigo, SW, no entanto, não pode fazer concessões com aquilo que sente que lhe é pedido em nome de seu amor à verdade.

Aí ela diz sentir de maneira definitiva e certa que sua vocação lhe impõe ficar fora da Igreja. E acrescenta: “(...) em todo caso tanto quanto eu não seja de todo incapaz de trabalho intelectual. E isto para o serviço de Deus e da fé cristã no domínio da inteligência”.⁴⁷ SW entende que o grau de proibição intelectual que lhe é exigido por causa de sua vocação exige que seu pensamento esteja livre diante de todas as idéias sem exceção, incluídos o materialismo e o ateísmo. E constata que nunca poderia ter essa atitude se estivesse dentro da Igreja.⁴⁸

Enamorada do Cristo, vivendo a cada suspiro do amor de Deus e sobretudo atraída irresistivelmente pela presença eucarística e pela contemplação do sacramento exposto sobre o altar, essa renúncia é dura para SW. Ela mesma a descreve falando em privação: privação de ter parte na carne de Cristo como ele a instituiu. Privação que ela crê firmemente lhe ser pedida pelo próprio Deus.

Com sua extrema liberdade, no entanto, SW sente igualmente que esta posição que toma por fidelidade a sua vocação de intelectual não é de forma alguma incompatível com o amor de Deus, e “mesmo com um voto de amor interiormente renovado em cada segundo de cada dia, cada vez eterno e cada vez inteiramente intacto e novo”⁴⁹.

É assim que SW permanecerá até o fim no umbral da Igreja, freqüentando a missa sem participar da Eucaristia e acreditando com a maior pureza de alma fazer isso atendendo a um pedido de Deus. A atenção extrema que ela desenvolveu ao longo de toda a sua vida e que lhe permitiu integrar em tão feliz e harmônica síntese razão e crença, reflexão e espiritualidade nos permitem pensar que dizia a verdade e agia coerentemente.

Só a proximidade da morte, quando efetivamente não estava mais em condições de exercer uma atividade intelectual, pode romper sua firme resolução. Hoje é conhecido dos estudiosos de sua vida e pensamento o fato de que SW, às portas da morte no sanatório de Ashford, Inglaterra, pediu e recebeu o Batismo das mãos da amiga Simone Dietz, com água da torneira.⁵⁰

Da mesma maneira, Gianni Vattimo diz que, embora reconheça que “(...) nossa cultura não teria sentido sem o cristianismo”⁵¹

(...) todos temos um cristianismo herdado (já que nenhum de nós conheceu Cristo diretamente). Para mim, porém, cristianismo herdado significa cruentamente que *graças a Deus sou ateu*, que não creio nos ídolos nem que Deus esteja aqui ou acolá; não sei nem sequer se creio que Deus existe como um objeto. Onde estaria? No céu? Debaixo da terra? Em cima? Se existe, deve ser representado. E, porque precisa ser representado, representa-o o Papa. E, se o Papa representa Deus, ele se torna autoridade. É preciso deixar de lado tudo isso em nome do Evangelho.⁵²

E, embora reconheça que o cristianismo é também instituição, declara aceitar as instituições da Igreja, embora não as aceite por serem como são. Ressalta ainda que no Evangelho se encontram elementos para uma crítica à Igreja.⁵³ Referindo-se ao diálogo que teve com R. Rorty publicado em *O futuro da religião*⁵⁴, declara:

Eu creio na Igreja porque é algo que herdei; agora, se tivesse que inventá-la, para que me pergunto deveria inventá-la para mim? Não tenho necessidade de uma igreja para ser religioso. A Igreja me transmitiu o Evangelho, porém assim como é, a Igreja não me agrada. Pergunto-me, então, se ela ainda funciona como sede de transmissão do Evangelho, ou se é só um problema de poder temporal. Isso, sem embargo, eu o digo em nome dos documentos que a Igreja me transmitiu.

Conclusão: futuro da religião = futuro do amor

Após esse rápido percurso pelo pensamento dos dois autores, podemos caminhar para uma conclusão que nos sintetize as principais convergências e interfaces em sua contribuição sobre a religião no mundo de hoje.

Algo que parece fora de dúvida é que ambos os pensadores são religiosos, ou pelo menos pessoas de fé. Isso em Simone Weil se evidencia de forma patente. Trata-se de uma mística *malgré soi même*, alguém agraciado com comunicações do divino e para quem Deus mesmo abre as portas do conhecimento sobrenatural.⁵⁵

O percurso de Vattimo é bem diferente. Católico desde a juventude, tendo assumido inclusive postos de liderança em movimentos católicos, adquirindo por isto mesmo um lugar e um espaço visíveis no tecido institucional da Igreja, afastou-se da prática tradicional eclesial a partir de certo momento de sua vida.

Isto não impede, no entanto, de continuar pensando a religião e sentindo-se parte da visão do mundo e da história próprias do cristianismo. Nada do que é cristão

é estranho a Vattimo e é no cristianismo que ele encontra sua cidadania e seu espaço de inserção no mundo e na cultura ocidental.

Ambos, no entanto, vivem sua inserção cristã de maneira especial. Críticos da instituição e reconhecendo as aporias do cristianismo institucional procuram ir ao coração do Evangelho. Simone Weil toma o caminho do evangelho de Jesus Cristo e este crucificado e, ainda que amando profundamente os sacramentos, os símbolos e a liturgia cristã, opta por permanecer fora deste universo até o momento de sua morte. Gianni Vattimo decide trilhar a estrada do pensamento fraco da pós-modernidade e desde aí repensa a religião como êxodo, retorno do retorno, vestígio do vestígio, irreduzível já às grandes narrativas da metafísica e da modernidade.⁵⁶

Vattimo advoga o reconhecimento por parte da filosofia da teologia trinitária, abrindo assim caminho para um reconhecimento do Deus verdadeiro como o Deus comunhão, o Deus amor, o verdadeiro Deus da Revelação e não o Deus que os teísmos construíram e com o qual os ateísmos de toda sorte entram em confronto e em conflito.⁵⁷

Ao ousar este passo, Vattimo se aproximará inevitavelmente do Cristianismo, o qual parece invocar como matriz para seu “pensamento fraco”, ao conectá-lo com o mistério da Encarnação.⁵⁸ Após afirmar que “se o Deus que a filosofia reencontra é somente o Deus pai, pouco caminho fizemos para além do pensamento metafísico do fundamento”.⁵⁹ Por outro lado, a Encarnação possibilita ver e compreender a história da humanidade em termos redentores, assim como o pensar sobre ela.

Por sua vez, Simone Weil terá no centro de sua experiência e seu pensar religioso a figura de Cristo, o Deus Encarnado e crucificado. É esta figura que a remeterá à crença em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, como “outro” pólo da fé:

A Trindade e a Cruz são os dois pólos do cristianismo, as duas verdades essenciais: uma a perfeita alegria, a outra a perfeita desgraça. É indispensável o conhecimento de ambas e de sua misteriosa unidade, porém, pela condição humana, em nosso mundo nos achamos infinitamente longe da Trindade, e muito próximos ao pé da Cruz. A cruz é nossa pátria.⁶⁰

Ambos, no entanto, a filósofa e mística francesa do século XX, assim como o filósofo italiano contemporâneo e pós-moderno de nossos dias nos dizem com sua vida e seu pensamento que a única verdade revelada, no fundo, é o amor. Amor que se encarna na história e revela que o Transcendente que jamais ninguém viu está ao alcance dos sentidos e da experiência humana na interpelação do pobre, do indigente e do infeliz que clamam por atenção e que são os únicos guias do ser humano moderno e pós-moderno em sua infundável viagem em busca da Verdade.

Maria Clara Lucchetti Bingemer
Professora da PUC-Rio

Notas

1. Citaremos a referida entrevista a partir da tradução brasileira feita do original espanhol: *Necesitamos um nuevo Lutero*, entrevista a Gianni Vattimo, feita por I. COSTA, na edição do jornal *El Clarin* de sábado, 8 de abril de 2006, Revista N.
2. Cf. S. Pétrement. *La vie de Simone Weil*, vol. I. Paris: Fayard, 1973, p. 27.
3. *Ibid.*, p. 54.
4. S. Weil. *Attente de Dieu*. Paris: Fayard, 1966, pp. 38-39.
5. Cf. S. Pétrement, op. cit., p. 54.
6. *Attente de Dieu*, p. 39.
7. *Ibid.* O texto bíblico a que se refere SW é sem dúvida Mt 7,9: Ou qual dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?
8. É ela, então, que em palavras como sempre ardentes e impressionantes nos diz: “Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e a meus próprios olhos com a massa anônima, a desgraça dos outros entrou na minha carne e na minha alma. Nada me separava disso, pois eu tinha realmente esquecido meu passado e não esperava nenhum futuro, podendo dificilmente imaginar a possibilidade de sobreviver a estas fadigas. O que eu sofri lá me marcou de uma maneira tão duradoura que hoje ainda, quando um ser humano, não importa quem ele seja, não importa em que circunstâncias, me fala sem brutalidade, não posso impedir-me de ter a impressão de que há um erro e que o erro vai sem dúvida infelizmente se dissipar. Recebi lá para sempre a marca da escravidão, como a marca do ferro em brasa que os Romanos colocavam na testa de seus escravos mais desprezados. Desde aí, eu sempre me olhei como uma escrava. AD, p. 42.
9. Ver S. Weil. A mística do trabalho. In: *La pesanteur et la grace*. Paris: Plon, 1988, (trad. bras. *A gravidade e a graça*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 204).
10. Ver S. Weil, *idem*, p. 205.
11. Ver S. Weil, *Expérience de la vie d'usine*. In : A. DEVAUX e F. de LUSSY (ed.) *Ecrits historiques et politiques II, Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1991, p. 295.
12. *SP II*, p. 52.
13. Citado por E. Bosì, in op. cit., p. 37. V. o belo comentário interpretativo que sobre essa experiência de Simone faz o Père Perrin, seu futuro interlocutor espiritual.
14. Citado por E. Bosì, op. cit., p. 40.
15. Em tradução livre, citamos o texto do poema: “O amor me acolheu; no entanto minha alma recuou/ Culpada de poeira e de pecado./ Mas o Amor clarividente, vendome hesitar/ Desde minha primeira entrada,/ Se aproximou de mim, perguntando docemente/ Se me faltava alguma coisa./ “Um convidado, respondi, digno de estar aqui”/ O amor disse: “Você será este”/ Eu, o mau, o ingrato? Ah, meu bem-amado/ Eu não posso te olhar/ O amor tomou minha mão e respondeu sorrindo:/ “Quem fez estes olhos senão eu?”/ É verdade, Senhor, mas eu os contaminei; que minha vergonha vá onde ela merece./ E tu não sabes, diz o Amor, quem tomou sobre si a culpa?/ Meu bem-amado, então eu servirei/ Tens que sentar-te, diz o Amor, e provar meus alimentos”/ Assim eu me sentei e comi.

16. Ver S. Weil. *Attente de Dieu*. Paris: Fayard, 1966 (trad. bras. *A espera de Deus*. São Paulo: ECT, 1987, p. 76).
17. Cf. A. Gomez-Müller. *Pensée du religieux et exigence de justice. Le cas de Simone Weil*. In : J. GREISCH et al. *Penser la religion. Recherches en philosophie de la religion*. Paris: Beauchesne, 1991, p. 264-265.
18. *LR*, p. 13.
19. *IPC*, p. 103.
20. *AD*, p. 45.
21. J. M. Mueller, op. cit., p. 64.
22. *CS*, p. 201.
23. *Ibid.*, p. 88. Cf. a bela exemplificação por ela dada a essas afirmações com o Cura d´Ars: “Os esforços inúteis levados a cabo pelo Cura d´Ars, durante longos e dolorosos anos, para aprender latim, deram todos os seus frutos no discernimento maravilhoso pelo qual ele percebia a alma mesma dos penitentes por trás de suas palavras e mesmo por trás de seu silêncio”
24. *Ibid.*
25. *Ibid.*, p 91. Não podemos deixar de pensar, lendo isto, no que aconteceu com a própria SW, que durante tão longo tempo esteve com o próprio desejo em tensão apaixonada para a verdade e recebeu a graça definitiva de experimentar que Cristo veio até ela e a tomou para si. Cf. a narração dessa experiência espiritual na sua Autobiografia espiritual escrita ao Pe. Perrin, em *Attente de Dieu*, op. cit., pp. 44-45.
26. *Ibid.*, p. 96.
27. *Ibid.*, p. 97.
28. Cf. a proximidade aí entre SW e outros pensadores, tais como E. Lévinas, por exemplo.
29. *Attente de Dieu*, p. 96.
30. *Ibid.*, p. 29.
31. *Ibid.*
32. *Ibid.*
33. *Ibid.*
34. Cf. entrevista a El Clarín, citada supra, n. 1.
35. Cf. a reflexão que sobre seu pensamento religioso faz M. Vetö. *La métaphysique religieuse de Simone Wei*. Paris: L`Harmattan, 1970.
36. É curioso perceber que se pode bem aproximar aquilo que SW diz aqui do que outros mestres espirituais, como Santo Inácio de Loyola, por exemplo, chamam de “moções do Espírito” (movimentos interiores feitos em nós por Deus).
37. *Attente de Dieu*, p. 18.
38. *Ibid.*
39. *Ibid.*, p. 19.
40. Cf. *ibid.*, p. 20.
41. Cf. 2 Cor 5, 21.

42. *Attente de Dieu*, p. 22.
43. *Ibid.*, p. 25.
44. *Ibid.*, p. 28.
45. *Ibid.*, p. 29.
46. *Attente de Dieu*, pp. 63-67.
47. *Ibid.*, p. 65.
48. *Ibid.*
49. *Ibid.*, p. 66.
50. Cf. G. P. di Nicola e A. Danese. *Abissi e vette*. Roma: Città del Vaticano, 2003.
51. Cf. entrevista citada supra.
52. *Ibid.*
53. *Ibid.*
54. Cf. Zabala, S. (org.). *The future of religion*. Nova York: Columbia University Press, 2005.
55. Seu último caderno de notas, escrito pouco antes de morrer leva este nome: *La connaissance surnaturelle*. Paris: Gallimard, coll. Espoir, 1950.
56. Cf. G. Vattimo. O vestígio do vestígio. In: G. Vattimo e J. Derrida (orgs.) *A religião. O seminário de Capri*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, pp. 91-107. Esp. p. 91 e p. 104
57. Cf. art. cit, p. 104.
58. *Ibid.*, p. 107.
59. *Ibid.*, p. 105.
60. *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*, p. 89.

Resumo

Este artigo pretende realizar um estudo comparativo entre a compreensão de religião de dois filósofos da contemporaneidade: Simone Weil e Gianni Vattimo. Apesar de constatar as grandes diferenças de experiência e de pensamento entre os dois filósofos, o texto procura mostrar as interfaces que no entanto a reflexão de ambos encontra muitas vezes. Críticos da instituição cristã histórica e reconhecendo as aporias do cristianismo institucional, ambos procuram ir ao coração do Evangelho em sua vida e seu pensar. Ambos, no entanto, – tanto a filósofa e mística francesa do século XX, assim como o filósofo italiano contemporâneo e pós-moderno de nossos dias – nos dizem com sua vida e seu pensamento que a única verdade revelada, no fundo, é o amor. Amor que se encarna na história e revela que o Transcendente que jamais ninguém viu está ao alcance dos sentidos e da experiência humana na interpelação do pobre, do indigente e do infeliz que clamam por atenção e que são os únicos guias do ser humano moderno e pós-moderno em sua infundável viagem em busca da Verdade.

Palavras-chave

Religião; Verdade; Cristianismo; Amor; Alteridade.

Resumé

Cet article a l'intention de réaliser une étude comparative entre la compréhension de la religion de deux philosophes de la contemporanéité: Simone Weil et Gianni Vattimo. Malgré qu'on puisse constater les grandes différences d'expérience et de pensée entre les deux philosophes, le texte cherche de montrer les interfaces dans lesquelles, cependant, leur pensée se rencontre plusieurs fois. Critiques de l'institution chrétienne historique et tout en reconnaissant les apories du christianisme institutionnel, tous les deux cherchent d'aller au coeur de l'Évangile dans leur vie et leur pensée. En tout cas, les deux – ainsi la philosophe et mystique française du XXème siècle que le philosophe italien contemporain et post-moderne de nos jours – nous disent avec leur vie et leur pensée que la seule vérité révélée est, au fond, l'amour. Amour qui s'incarne dans l'histoire et révèle que le Transcendant que personne n'a jamais vu est à la portée des sens et de l'expérience humaine au fond de l'interpellation du pauvre, de l'indigent, du malheureux qui crient pour attention et qui sont les seuls guides de l'être humain moderne et post-moderne dans son infatigable voyage en quête de la Vérité.

Mots-clés

Religion; Vérité; Christianisme; Amour; Altérité.